

LUIZ RUFFATO

# O verão tardio



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Luiz Ruffato

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Kiko Farkas e Felipe Sabatini/ Máquina Estúdio

*Foto de capa*

Camila Svenson

*Revisão*

Nina Rizzo

Thaís Totino Richter

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ruffato, Luiz.

O verão tardio / Luiz Ruffato. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3211-9

1. Ficção brasileira I. Título.

19-23741

CDD-B869

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura brasileira B869

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Finisce la tarda estate*  
Battiato/Sgalambro

*E sempre no meu sempre a mesma ausência*  
Carlos Drummond de Andrade

TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO

Os pés arrastam-me através de um imenso deserto. O amarelo da areia, o amarelo do sol, a vista turva, sinto sede, no horizonte, dunas após dunas, o céu sem nenhuma nuvem. Então, percebo, no fundo de uma depressão, algo como uma poça azul. Sem forças, deixo-me rolar pirambeira abaixo. Debruço na água e quando levo a mão para molhar os lábios a poça torna-se areia movediça e traga meu corpo magro e seco. Tento gritar, mas a voz permanece aprisionada. Busco agarrar à borda, sem sucesso. Pouco a pouco, afundo. Num último esforço, ergo os braços, e ouço, ao longe, ruídos. Em desespero, procuro manter a cabeça à tona, e agora mais perto distingo, “Senhor! Senhor!”, alguém me chacoalha. Transpirando, arregalo os olhos e por trás das lentes vejo o rosto assustado de um rapaz de uniforme, ranço de cigarro, “Como o senhor está?”. E, dirigindo-se a alguém, logo atrás dele, “Está voltando, pelo menos”. Encontro-me sentado na poltrona de um ônibus. Lá fora, a minúscula rodoviária de Cataguases, a mesma desde a minha infância. Pessoas abraçam-se na plataforma, passarinhos chilreiam nas árvores, da televisão

escorrem notícias, o cheiro de óleo diesel se mistura à morrinha do ar condicionado. Miro o rapaz de uniforme, “Não foi nada, estou bem, obrigado”, e esforço para levantar. “Quer uma ajuda?”, ele pergunta. “Não, não precisa”, respondo, “Estou bem”. Num empuxo, consigo me pôr de pé, e, amparando-me, esquadrinho o bagageiro, percebo a mochila em suas mãos. Ele cede a passagem. As pernas titubeiam no corredor estreito, alcanço a escada e desço com dificuldade, defrontando uma pequena aglomeração que espia curiosa. O rapaz me entrega a mochila; o motorista que o acompanhava exclama, apressado mas procurando mostrar-se cordial, “Que susto!”, entra novamente no ônibus, cerra a porta e dá a ré. Devagar, o grupo se dispersa. Penetro no pequeno salão, onde se localizam os guichês de venda de passagens e transeuntes aguardam os horários de partida e chegada, desabo no banco de madeira. A meu lado, a velha banguela, parecendo um pintinho despenado, encara-me, espantada. A testa, os pés e o sovaco encharcados de suor. Uma mulher, lenço na cabeça, esfrega um pano molhado no piso de cerâmica vermelha. Limpo os óculos na fralda da camisa. O relógio na parede marca oito e meia. O ar quente da manhã enche meus pulmões e súbito me sinto melhor. Levanto, tomo um longo gole de água gelada no bebedouro, atravesso a catraca livre do banheiro e urino com prazer no bojo recém-desinfetado. Lavo as mãos e o rosto. Do lado de fora, na calçada imunda, cruzo devagar por uma loja de doces e biscoitos, outra de quinquilharias, outra de vitaminas e salgadinhos, e, por fim, entro num botequim, cômodo estreito e escuro que delimita o prédio. O rádio ligado na estação local, volume alto, abafa o barulho da água escorrendo na pia, onde, de costas, avisto um vulto enorme. “Bom dia”, falo, e ouço um resmungo. “Um café com leite e um pão com manteiga, por favor.” O homem fecha a torneira, enxuga as mãos no avental encardido, deposita sobre o balcão sebento um açucarei-

ro de plástico semitransparente e um pires de aço inoxidável. Enfia o braço peludo num saco pardo e retira um pão, que corta ao meio, lambuzando as metades com uma fina camada de margarina. Em seguida, acolchoa-as em um cestinho de plástico, imitando palha, e indaga: “Branco ou preto?”. Algo neste homem de cabelos longos, sujos e gordurosos, rosto espetado por fios de barba grisalha, barriga estufando os botões da camisa, calças deslizando pernas abaixo, desperta-me recordações. “Branco ou preto?”, ele repete. Sem compreender, pergunto, “Como?”. Impaciente, ele diz, “O café com leite: branco ou preto?”. “Ah, branco.” Ele despeja uma pequena parte de café e completa o restante com leite, mergulha a comprida colher de alumínio no líquido fumegante e põe o copo americano sobre o pires. Sim! Fomos contemporâneos no grupo escolar... Alcides... Alcides Animal, como o chamávamos, pois além de muito forte — já era gordo, na época — revelou-se extremamente cruel, não só conosco, seus colegas, em quem batia com regularidade, mas com tudo que se movesse: matava passarinhos com atiradeira, afogava filhotinhos de gato, e chegou mesmo, certa feita, a empapar uma égua com gasolina e pôr fogo. Mesmo as professoras demonstravam medo, É o capeta, persignavam-se. Ele tornara à pia. “Desculpe incomodar, mas você não é o Alcides? Eu acho que lembro de você da época do.” Ele se volta, colérico, os olhos injetados, apoia-se no balcão, espantando os mosquitos, e grita, interrompendo-me: “Que papo é esse, cara?! Não vem com conversinha fiada, não! Você me conhece? Foda-se! Eu não te conheço! E nem quero conhecer, entendeu? Toma seu café quietinho aí e dá o fora!”. Seu hálito azedo embaça meu rosto. As pernas vacilam, lábios descorados, a cabeça zonza. Ele aumenta ainda mais o volume do rádio, que toca música sertaneja, e irritado finge distrair-se contando e recontando a fêria do dia anterior, poucas notas esmolambentas, punhado de moedas pe-



gajosas. Tento controlar as mãos trêmulas, não sei se pelo receio da agressão, pelo pesadelo da noite, pelos remédios que andei tomando. A custo mastigo o pão, empurrado garganta abaixo por curtas goladas de café com leite. Intimidado, pergunto o preço, ele grunhe qualquer coisa, deixo o dinheiro sobre o balcão. Desloco-me cambaleante de regresso ao salão de espera. A velha já se foi. Sento novamente no banco de madeira, ao lado de uma mulher que lê a Bíblia, cabelos pretos enrodilhados em coque, blusa cinza-clara de manga comprida, saia cinza-escura abaixo do joelho, pesados sapatos masculinizados. O relógio na parede marca quase nove horas. No banco da frente, uma mãe, bem jovem, observa os dois filhinhos pularem de lá para cá, no chão uma sacola cheia de compras. De pé, um adolescente, boné virado para trás, larga camiseta do time do Los Angeles Lakers descaindo sobre a bermuda, enorme fone de ouvido, bamboleia ao ritmo da música que nasce do celular. Da televisão agora escorrem frivolidades. Fora, a mulher, lenço na cabeça, vassoura e pá, amontoa o lixo no meio-fio. Um ônibus empoeirado encosta na baía, o adolescente de boné virado para trás e a jovem mãe com as duas crianças movem-se, surgem outras pessoas, em pouco formam um ajuntamento. Minha vizinha segue absorvida na leitura. Quando mudei para São Paulo, nos primeiros tempos gostava de vaguear na rodoviária, fim de semana, buscando adivinhar a trajetória de cada um daqueles inúmeros rostos que desfilavam atônitos. Pelo modo de caminhar, pela roupa usada, pelos acessórios, até mesmo pelo que comiam, imaginava se as coisas corriam bem ou desandavam. Agia assim para amenizar a solidão que nos sábados e domingos expulsava-me do modesto quarto de pensão no Pari — ou talvez para me saber real, eu, que com frequência, zanzando anônimo por entre a multidão, acreditava-me invisível. Ali, naquela espécie de purgatório, reconhecia criaturas semelhantes a mim, assombradas, mas decididas, inse-

guras mas rijas, e isso confirmava, de algum modo, que, embora pouco mais que nada, eu existia. Essas incursões, no entanto, não duraram muito. Logo que arrumei emprego, aluguei apartamento na Vila Prudente, conheci a Marília, desinteressei pelo destino dos outros, acalentando aquilo que, iludido, pensava ser minha própria felicidade. Embora retornasse ocasionalmente a Cataguases, em minha memória a cidade e tudo o que ela representava iam perdendo a nitidez, como uma fotografia que desbotasse pouco a pouco até converter em manchas esbranquiçadas, destituídas de qualquer significado. E então escoaram trinta e cinco anos, dos quais nos últimos dezenove só a voz distante da Isinha no telefone assegurava que um dia houve Cataguases e que nela viveu um sujeito chamado Oséias. Minha irmã relatava a crônica de parentes e conhecidos e essas histórias reverberavam em mim com a mesma veracidade das tramas que lia nos livros, deitado em camas estreitas e desconfortáveis de hotéis baratos de lugarejos do interior, onde pousava para descansar da rotina de representante comercial. E aqui me acho outra vez, enosados os fios que atam o começo e o fim. Atravesso a rua, ofuscado pela luz que incendeia a manhã, e o taxista, que conversava com um colega à sombra dos fícus, entra no carro. Coloco a mochila no banco de trás, me acomodo a seu lado, ele pergunta o endereço e engata a conversa: “Vindo de onde?”. “São Paulo”, respondo. “Ué, mas o ônibus já chegou há bastante tempo”, comenta, indiscreto. “Fiquei fazendo hora”, digo, contrafeito, simulando curiosidade pela sequência de casas baixas decadentes que se deslocam à janela. Ele continua: “São Paulo! Já morei lá. Taboão da Serra. Conhece? Quando fiz dezessete anos, não queria estudar mais, pra desgosto da minha falecida mãe, que Deus a tenha (e faz o sinal da cruz), e meu pai, com medo de eu trilhar o mau caminho, palavras dele (e sorri, complacente), me mandou viver com o tio Lenildo. Arrumei emprego de

boy numa firma no Morumbi, escritório de advocacia, tirei carteira de motorista e logo já dirigia pro doutor Garibaldi, Garibaldi José Mendes da Costa. Gostava muito de mim, ele, me incentivava muito... Já estava nessa toada uns cinco anos, mas aí num Natal conheci a Gi, Gisele, minha esposa, começamos a namorar, apaixonei, despencava pra cá todo mês. Quis convencer ela de mudar pra São Paulo, pintei um paraíso, mas a Gi falou que não saía de perto da família de jeito maneira, e ficamos nesse chove não molha, eu cevando ela, ela me engabelando. Aí ela engravidou, e, já viu, né? O doutor Garibaldi ainda prometeu mundos e fundos, que ajudava nos primeiros tempos, e coisa e tal, mas a Gi empacou, não teve jeito, larguei tudo. Com o dinheiro que tinha ajuntado adquiri um lote no Santa Clara, construí uma casinha, comprei esse ponto, e aqui estou, já vai pra mais de... dez anos! Não arrependo não, a Ninfa é uma menina linda, tem uma foto aqui, ó”, e, sacando o celular do bolso da calça, exhibe na tela de descanso uma garotinha de travessos olhos pretos. “Ninfa é o nome dela?”, pergunto. “É, Ninfa”, responde, orgulhoso, “A Gi que escolheu esse nome. Não é bonito?” “É, muito bonito”, respondo. Na Granjaria, estaciona junto a um muro alto de cimento chapiscado, em frente a um enorme portão de placas de ferro. Acerto a corrida, ele oferece um cartão, “Se precisar, Sizenando Robledo Neto, Nonô, como o povo me chama”, e eu quase digo, Sizenando?! Rapaz, conheci seu pai, o Sizim, um pouco mais velho que eu, morávamos no mesmo bairro, no Beira-Rio, ele chegou mesmo a namorar a Isabela, minha irmã, penso perguntar por ele mas calo, agradeço, enfio o cartão no bolso da camisa, recolho a mochila no banco de trás, ganho a calçada, aperto o botão do interfone e vejo o carro desaparecer na esquina. O sol castiga minha cabeça. Sinto-me exausto. aguardo alguns instantes, torno a apertar o botão do interfone. Uma voz feminina ressoa, “Quem é?”. Pergunto se a Rosana

se encontra. “Não, dona Rosana não está.” Desapontado, penso em desistir, mas outra voz irrompe, “Quem é?”. Digo: “Olha, aqui é o Oséias, irmão da Rosana”. “Oséias?! Tio Oséias?! De São Paulo?! Tio, é a Tamires!” Tamires... Ah, a filha da Rosana... “Oi, Tamires, tudo bem?” Então, ouço um estalo destrancando a porta lateral, “Entra, tio! Abriu?”, empurro-a, “Abriu!”, e descortino uma casa de fachada antiga. Atravesso o pequeno jardim malcuidado, que deve ter sido maior, sacrificado para dar lugar à garagem que destoa do resto da construção. Da porta da cozinha, uma moça, muito gorda, regulando altura comigo, cabelos castanhos, longos e lisos, trajando um vestido largo que a deixa ainda mais gorda, acena com simpatia. Contorno o Honda Fit cinza, ela me recebe com entusiasmo, me abraça forte, “O senhor não lembra de mim, né?”. Forço para não demonstrar espanto, quando a vi pela última vez, uma menininha, oito, nove anos, roliça, tímida... “Você era um toquinho assim”, explico, sem graça. Conduzindo-me, ela fala, “Engordei, né? Como diz a mamãe, dei azar, pareço com a família do papai. Tivesse saído ao vô Nivaldo seria magra como a mamãe... ou como o senhor...”. Ela ri, melancólica; eu suspiro. “Quando o senhor chegou?” “Agora há pouco.” “De São Paulo?” “É, de São Paulo.” “Ué?, e cadê a bagagem?” “Não tenho”, respondo. “Tudo o que preciso está aqui”, e aponto a mochila. Ela chama a empregada, que passa o aspirador de pó em algum lugar dentro da casa, “Kelly, ô Kelly!”. Uma mulher, trinta e poucos anos, bermuda, camiseta regata vermelha que deixa à vista as alças brancas do sutiã, cabelos pretos alisados a ferro, amanhados num rabo de cavalo, surge. Tamires pede que eu entregue a mochila a Kelly, “Põe no quarto de hóspedes”, ordena. Kelly observa minha roupa e pergunta, com certo desdém, “Ele vai dormir aqui?”. Tamires percebe meu constrangimento, afirma, ríspida, “Talvez, Kelly, talvez”. A empregada some, contrariada. Tamires arreda uma cadeira

e me manda sentar à mesa preparada para o café da manhã. Sobre a toalha xadrez, bule de louça, cafeteira Moka, portaguardanapos, vasilha de plástico com queijo branco, outra com peito de peru, pacote de pão-de-fôrma integral, jarro com suco de laranja pela metade, uma xícara usada, um prato lascado com cascas de melão, garfo e faca. “O café deve estar frio, mas a Kelly pode passar um novo pro senhor.” “Não, não precisa, Tamires, tomei café na rodoviária.” “Nem um copo de suco?” “Não, não se preocupe.” “Um copo de suco, vai...”, insiste. “Está bem”, aceito, educado. Kelly liga de novo o aspirador de pó. Tamires caminha até o armário, pergunta, “O senhor está de férias?”. “Mais ou menos.” Ela enche o copo, coloca à minha frente e fica de pé, encostada à parede coberta de azulejos brancos. “A mamãe sabe que o senhor está aqui?” “Não”, respondo. Ajeito os óculos, “É surpresa”. “Surpresa? A mamãe detesta surpresas”, graceja, “Melhor ligar... O senhor tem o número do celular dela?”. “Não tenho celular”, respondo. “Não tem celular?! Como isso é possível em pleno século vinte e um?!”, ela se escandaliza. Eu baixo a cabeça, constrangido. “E como vai ela, a Rosana?” “Está bem”, responde. “É uma pessoa difícil, o senhor conhece”, ironiza, confiando na minha cumplicidade. “Não quer comer nada mesmo?”, insiste. “Não, Tamires, estou satisfeito. Não vai sentar?”, pergunto. “Estou de dieta”, ela diz, cobiçosa, e pede desculpa: “Quando o senhor chegou eu já estava quase de saída. Tenho uma casa de frios, temperos finos, bebidas importadas”, ela diz. “Queria que o senhor passasse lá pra conhecer, é naquela rua que liga a praça Rui Barbosa à Santa Rita, sabe?” “Sei. Claro que vou”, digo. Enquanto esvazio o copo de suco de laranja, Tamires conta que a Rosana e o Ricardo queriam que ela fosse para Juiz de Fora estudar medicina ou direito, “Mas me rebelei, fiz um curso meia-boca aqui mesmo, de administração de empresa, que aliás nem terminei. No meio do caminho arrumei um

namorado, ele queria montar um negócio de frios, achei a ideia ótima, mas nem o papai nem a mamãe quiseram me dar o dinheiro, achavam que essa coisa de ser comerciante não estava à altura deles. Eles se acham importantes. Logo eles... A mamãe, que o senhor sabe bem de onde veio, e o papai...". Ela suspende a frase. "Enfim... Logo eles", repete, sarcástica. "Acabei tomando empréstimo no banco, nesse meio-tempo o namoro tinha ido por água abaixo, mas o empreendimento saiu, e, contra todas as expectativas, rende tanto quanto o salário da mamãe como diretora de escola." "Ah, ela afinal conseguiu ser diretora de escola?" Tamires me encara, irônica, "Contatos, tio, contatos...". "Ah, isso a Rosana faz muito bem", digo, mas meu comentário, não era a intenção, soa malicioso. Kelly ressurge na cozinha e pergunta se deve arrumar a cama do quarto de hóspedes. "O senhor vai ficar aqui, não é, tio?" "Talvez, Tamires." "A mamãe vai ficar uma fera", ela diz, zombando, e determina, com perversa alegria: "Arruma sim, Kelly". "A Rosana fala de mim?", pergunto. Ela titubeia, enrubesce, responde, "Às vezes". "E vocês... mantêm contato com a Isabela?, com o João Lúcio?", mudo de assunto. "Não, muito raramente. A tia Isinha é muito pobre pra gente, e o tio Jôjo, muito rico...", comenta, com troça. "A mamãe fala", e remeda os trejeitos da Rosana, "Ah, a Isinha nunca engoliu o fato de estarmos bem! Ela morre de inveja, mas que culpa tenho eu se a vida dela não deu certo?". Rimos ambos, a imitação é perfeita. "Bom, tio, desculpe, mas tenho mesmo que ir, já estou atrasada." Tamires penetra corredor adentro, fala alguma coisa com a Kelly, volta com a bolsa e um molho de chaves. Levanto, ela me abraça, diz que está contente em me ver, "No caminho ligo pra mamãe e aviso que o senhor está aqui", e recomenda: "Veja se descansa um pouco". Ouço o barulho da chave elétrica destravando o carro, o ruído do motor, o portão de ferro que se abre, que se fecha. Sem saber o que fazer, aguardo,

extenuado. O ritmo monótono do carrilhão do relógio acalenta as pálpebras. Apanho um guardanapo, limpo com vagar as lentes dos óculos. Abro o armário, pego um copo e encho com água da torneira. Bebo o líquido morno, com gosto de cloro. Examino um a um os ímãs afixados na geladeira, quase todos de Nova Iorque — táxi amarelo, maçã, Estátua da Liberdade, NY, I love New York — e alguns de propaganda — gás, água mineral, mercadinho, açougue, hamburgueria, pizzaria, disque-cerveja. Lavo o copo, coloco de borco no corredor de louça. Começo a arrepender de ter vindo. A Tamires tem razão, a Rosana vai ficar uma, “Uai, o senhor ainda está aqui?”, a Kelly torna à cozinha, “Achei que tinha saído com a Tamires”. Sem graça, pergunto onde fica o quarto de hóspedes, ela me conduz para um aposento com cama de viúva, mesa de cabeceira, guarda-roupa de duas portas, mancebo com um chapéu de feltro empoeirado. Peço a Kelly que abra a cortina, ela diz que vai ligar o split, eu falo que não precisa, “Com este calor?”, indaga, admiradíssima. “Tenho alergia”, alego. Ela dá de ombros, mostra a toalha de banho dobrada sobre a colcha, afasta-se. Escancaro a janela, que dá para um pequeno quintal cimentado nos fundos da casa, e a luz jorra para dentro do cômodo, alagando-o de amarelo. Um bafejo suave afaga os galhos do solitário jambeiro. Tranco a porta, e, fatigado, tiro os óculos, descalço os tênis, tiro as meias, deito de roupa e tudo

[ ]

acordo sobressaltado, o coração aos pulos, busco os óculos, onde estou? Meu corpo, estático, encharcado de suor. Ah, a casa da Rosana... Cataguases... O sol já vai alto... Por quanto tempo cochilei? Sinto náuseas. Levanto rapidamente, deschaveio a porta, procuro o banheiro, entro, ajoelho junto ao vaso sanitário, lanço um jato quente, azedo e viscoso, mistura do suco de laranja com café com leite e pão com margarina. As têmeoras late-